

As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Women fans and cheering: ethnographic notes about the presence of women in supporters group

Marianna Castellano Barcelos de Andrade¹

Resumo: O presente artigo pretende discutir as inserções e as experiências das mulheres nas torcidas organizadas de futebol na contemporaneidade. A reflexão toma como base a etnografia realizada entre torcedoras que compõem Os Gaviões da Fiel, a primeira torcida organizada de São Paulo. A discussão que se segue tem as mulheres como foco e se utiliza do conceito de gênero como uma categoria útil para a análise das desigualdades entre homens e mulheres praticadas e construídas historicamente nos diversos espaços de socialização da agremiação. O texto busca problematizar também Os Gaviões da Fiel como uma torcida organizada possuidora de um *ethos progressista*, sobretudo no senso comum, mas que ainda assim, mantém dentro de seus domínios um certo conservadorismo de gênero.

Palavras-chave: Questões de gênero. Torcidas organizadas. Gaviões da Fiel. Sociologia dos esportes. Antropologia das práticas esportivas.

Abstract: The present article aims to discuss the insertions and experiences of women in contemporary soccer fan clubs. The reflection is based on the ethnography conducted among female fans who make up Os Gaviões da Fiel, the first organized fan club in São Paulo. The following discussion focuses on women and uses the concept of gender as a useful category for the analysis of the inequalities between men and women historically practiced and constructed in the diverse spaces of socialization. The text also seeks to problematize the Gaviões da Fiel as an organized group of fans with a progressive ethos, especially in common sense, but that still maintains within its domains a certain gender conservatism.

Keywords: Gender issues. Supporters group. Gaviões da Fiel. Sociology of sport; Anthropology of sports practices.

¹ Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. ORCID: [0000-0001-5471-1949](https://orcid.org/0000-0001-5471-1949). E-mail: marianna.cbandrade@gmail.com.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

Introdução

Aqui buscarei discutir de que modo se deu a inserção feminina nas arquibancadas, especialmente, dentro das torcidas organizadas de futebol, essa estrutura densa e complexa presente nas arquibancadas de todo Brasil. Neste sentido, a finalidade será refletir sobre as possíveis adversidades encontradas pelas mulheres nas torcidas organizadas, a partir de um olhar específico para o Grêmio Recreativo Cultura e Escola de Samba Gaviões da Fiel Torcida.

Estas reflexões são parte da pesquisa de mestrado finalizada, realizada a partir de uma etnografia “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) com mulheres da torcida, combinada de uma revisão bibliográfica de estudos feitos sobre torcedoras, gênero e arquibancada.

Procuró antes destacar que a escolha dos Gaviões da Fiel para a etnografia não vem do fato de eu ser torcedora do Corinthians, mas sim pelo reconhecimento de que a presente torcida é majoritariamente conhecida como a primeira torcida organizada do Estado de São Paulo². Além do mais, esta agremiação se constitui, atualmente, como uma das maiores do país, em número de associadas e associados, o que faz com que existam numerosas produções acadêmicas no âmbito das Ciências Sociais em relação à instituição ou ao clube.

Além das produções, teses, dissertações e monografias sobre torcedores de futebol no geral serem cada vez mais crescentes no Brasil (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010), o historiador Bernardo Buarque de Hollanda (2015) constatou em suas pesquisas que estudos focados nos Gaviões da Fiel acumulam-se desde pelo menos o final dos anos de 1970. Entretanto, é por notar uma ausência de relatos e perspectivas sobre as mulheres nos Gaviões da Fiel, o que também se estende para as torcidas organizadas num geral,

² Apesar de conterem registros de abril de 1969, sobre o surgimento da Torcida Jovem da Ponte Preta de Campinas, alguns meses antes da fundação dos Gaviões da Fiel (HOLLANDA; CANALE, 2018).



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

que posicione o gênero como uma importante categoria de análise etnográfica a ser explorada.

Concomitante a isto, apresentarei no decorrer do artigo a noção de “Gaviãs” da Fiel, a fim de lançar luz a uma narrativa feminina sobre a torcida. Mais do que uma simples descrição de quem são as mulheres na torcida organizada, o que proponho por meio da noção é apresentar a torcida a partir da perspectiva feminina de existir. Esse artigo, portanto, não é sobre os gaviões da fiel, e sim sobre as “gaviãs” da fiel.

Antes de falar especificamente das torcedoras organizadas nos Gaviões da Fiel, considero importante contextualizar rapidamente algumas temáticas, e são por elas que este artigo está dividido: 1. O surgimento das torcidas organizadas no Brasil; 2. Como esse modo de organização dentro e fora das arquibancadas foi capaz de modificar, até hoje, as *formas de torcer* (TOLEDO, 1996). Posterior a isso, é necessário apontar em qual contexto histórico ocorreu a fundação da torcida em questão e onde estavam as mulheres em meio a tudo isso.

É importante contextualizar a história de fundação dos Gaviões da Fiel para analisar o caráter “contestatório” que foi forjado na memória coletiva da agremiação e as complexidades inerentes a sua história e modo de organização. Para que, finalmente, seja possível olhar para as mulheres torcedoras, reforçando sua importância histórica nas arquibancadas, marcada por potencialidades e dificuldades em existir enquanto *ser-mulher-que-torce* (DANTAS; ANJOS; MENDES, 2021) seja nos Gaviões da Fiel, ou nas arquibancadas de todo o Brasil.

O surgimento das torcidas organizadas: onde estavam as mulheres?

Nas arquibancadas, no âmbito das torcidas, pode-se dizer que as coletividades torcedoras existem no Brasil desde 1940, tendo sido fundadas algumas das denominadas “Torcidas Uniformizadas” dos clubes mais populares de São Paulo, formada em sua maioria por pessoas vinculadas aos clubes esportivos. Aqui, costuma-se



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

identificar a torcida uniformizada do São Paulo Futebol Clube como a pioneira entre estas organizações, tendo sido fundada em 1942 (TOLEDO, 1996).

É pertinente observar que estas torcidas (uniformizadas) estavam alinhadas a institucionalidade do futebol e de seus respectivos clubes, portanto foram pensadas para normalizar um tipo de comportamento esperado dos torcedores, tentando colocá-lo em consonância com um projeto de esporte mais ligado com a classe-média e alta, pelo menos em seu início, como veremos na passagem a seguir.

Podemos constatar tal fato desde o ano de 1943 quando o jornal *A Gazeta Esportiva* e a *Rádio Gazeta* promoveram o primeiro campeonato das torcidas uniformizadas, iniciativa que buscava normatizar a conduta torcedora dentro dos estádios já que, desde então, distúrbios, entreveros e uma variedade de modalidades transgressoras ganhavam dimensão significativa enquanto um problema sério no futebol que se consolidava definitivamente como um evento de massa (TOLEDO, 1999, p. 149).

O modelo implementado pelas torcidas uniformizadas perdurou até os anos 1970³, quando outra modalidade de participação, ainda mais popular e autônoma, ganhou apelo entre os torcedores. Surgiam, então, as "torcidas organizadas", em um contexto que poderia ser caracterizado na sociedade como uma maior autonomização da juventude (TOLEDO, 1996).

A ocupação do espaço urbano, o deslocamento dos bairros da periferia até a região central da cidade, fazer parte de um grupo, entre outras coisas, são ações que fazem parte da vida destes indivíduos torcedores, criando representações diferenciadas sobre os locais que habitam e sobre si próprios e, desta forma, moldando e sendo moldado subjetivamente pelo ato coletivo de torcer.

Mas então quem era essa juventude que aderiu rapidamente esse novo modo de sociabilidade que emergia nas TO's⁴? Uma das primeiras pesquisas que deu um enfoque

³ O recorte específico da cidade de São Paulo me leva a destacar sobretudo o exemplo das torcidas uniformizadas nas quais, ainda nos anos 1940, diversas formas de torcer adentravam nas arquibancadas do Brasil, como é o caso das charangas, coletividades torcedoras que surgem sobretudo no Rio de Janeiro, tendo como precursor Jaime de Carvalho. Aparecem como uma espécie de "[...] banda que incentivava nos estádios e depois saía a comemorar as vitórias em passeatas nas ruas, em desfiles nos bondes (anos 1940) ou nas lotações (anos 1950 e 1960)". (HOLLANDA *et al*, 2012, p. 103).

⁴ Abreviação utilizada para referenciar as torcidas organizadas de futebol.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

específico ao fenômeno das torcidas organizadas, como bem destacou Toledo (1996), foi elaborada pelo *Instituto Gallup*, e publicada nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*, no ano de 1992. Entre os dados levantados, a maioria desses torcedores eram do sexo masculino, com idade entre quinze/dezesseis anos.

Em suma, pode ser pensado que a noção de uma torcida organizada em sua prática constitui espaços diversos de pertencimento e representações diante do outro, espaços de relações sociais significativas que dão sentido à vida de milhares de pessoas em todo o país há mais de 50 anos. E que segue sendo uma fonte quase inesgotável de temas de pesquisas e observações até hoje.

No entanto, me parece gritante a ausência de narrativas femininas deste processo sócio-histórico, o que me fez indagar durante minha etnografia: historicamente onde estavam as mulheres nas torcidas organizadas? E como elas se mobilizam na atualidade em torno de uma sociabilidade forjada em meio a um espaço amplamente masculino e masculinizado como as TO's?

Dado este breve panorama sobre o surgimento destas coletividades torcedoras⁵ e os questionamentos que nortearão este artigo, o próximo tópico busca apresentar, etnograficamente, a experiência de uma das mais populares dentre as torcidas organizadas do Brasil, que surge na dianteira deste movimento das arquibancadas, para, no momento seguinte, discutir a presença e a perspectiva feminina nesse debate.

Os Gaviões da Fiel

Como visto no tópico anterior, o surgimento das torcidas organizadas se deu por volta do início da década de 1970, momento político no qual o Brasil vivia sob a Ditadura Militar. Neste contexto, os Gaviões da Fiel nasceram de maneira oficial no dia primeiro de julho do ano de 1969, praticamente na vanguarda deste movimento que eclodiu nas arquibancadas (HOLLANDA; NEGREIROS, 2015).

⁵ Para ver mais a respeito do surgimento das coletividades torcedoras, consulte: Canale, 2020.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

Discutia-se naquela ocasião, por volta de 1969, a legitimidade do então presidente do clube, Wadih Helu, ligado ao partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), aliado à Ditadura Militar vigente na época, e que estava há aproximadamente 15 anos à frente do Sport Club Corinthians Paulista (TESI, 2020). Era necessário discutir então a coerência dessa gestão que permanecia há anos, pois todo esse descontentamento por parte da torcida já estava sendo formado e organizado nas arquibancadas desde 1965.

Muitos estudos a respeito da história de fundação da agremiação destacam que esses jovens torcedores possuíam uma visão questionadora e participativa da vida política. Como exemplo disso, Bernardo Buarque de Hollanda (2015) conta que um dos nomes que constam no livro-ata de fundação da torcida era o de Flávio La Selva, estudante da faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP), que participava ativamente das passeatas estudantis em 1968, colocando-se de maneira explícita como contestador da Ditadura Militar. E é notável, a partir da pesquisa etnográfica, que o nome de Flávio La Selva como um dos fundadores da torcida é motivo de orgulho e de histórias até hoje entre os sócios mais “progressistas” da agremiação, e oficialmente pela própria instituição, que estampa em uma de suas paredes da quadra sede o grafite da caricatura de La Selva.

Através desta breve história de fundação que carrega em si elementos que exaltam um suposto caráter contestatório, criou-se assim entre os próprios torcedores, mas também por leituras externas da mídia e do senso comum, o que chamarei de *ethos progressista*⁶ dentro dos Gaviões da Fiel.

É evidente que dentro da torcida existem associados mais conservadores. A finalidade aqui não é de romantizar a torcida e colocá-la no papel de “torcida revolucionária”, sobretudo porque, ao estudar a história das torcidas organizadas,

⁶ Aqui, o que se entende por *ethos* é o conjunto de características culturais, sobretudo, modos de comportamento que vão demarcar uma certa identidade da torcida enquanto coletivo. No caso dos Gaviões da Fiel, esse *ethos* estaria relacionado aos posicionamentos políticos progressistas ao longo da história de existência da entidade.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

especialmente dos Gaviões da Fiel, Canale (2020) ressalta que tais narrativas de fundação não cabem nos moldes político-partidários clássicos, que preveem posicionamentos de direita ou de esquerda. Esses conceitos têm aplicabilidade bastante restrita para pensar as torcidas organizadas, mesmo que existam, como já mencionado, associados simpatizantes com cada um destes aspectos ideológicos. A noção de *ethos progressista* surge justamente na tentativa de mostrar algo que não é completamente homogêneo ou definidor da torcida, mas que é capaz de mobilizar e gerar orgulho coletivo para muitos de seus associados, criando características específicas que diferem os Gaviões da Fiel das demais torcidas organizadas.

Este *ethos progressista* foi identificado logo nas primeiras incursões etnográficas. A partir disso, notei que além da pesquisa confrontar os papéis de gênero dentro de uma torcida organizada, a torcida em questão apresenta esta característica bem demarcada e que a distingue das demais desde sua fundação. Adiante, também, que a torcida possui uma forte hierarquia interna, com estruturas deliberativas formais e eleições amplamente democráticas, o que coopera para a propagação de toda essa aura progressista. Em relação à estrutura interna de organização da instituição e ao próprio *ethos progressista*, veremos mais adiante como a questão de gênero aparece bem demarcada em meio a essa complexa narrativa.

Vale destacar que o caráter político em certa medida existente no surgimento da torcida organizada se mantém, ainda que de maneiras diferentes, até os dias de hoje, com diversos protestos que dizem respeito tanto a ações que envolvam o clube, quanto em relação a outras pautas da sociedade. Como exemplo destes protestos, cito: as faixas levantadas em 2016 criticando o horário dos jogos (TORCIDA, 2016); os protestos, também em 2016, contra Fernando Capez (PSDB) e seu envolvimento com o que ficou conhecido como máfia das merendas (MATTOSO, 2016) e as recentes declarações da diretoria da entidade contra o atual presidente Jair Bolsonaro, durante o período eleitoral (TORCIDA, 2018). Além das participações nos protestos antifascistas durante a



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

pandemia em 2020 (ANDRADE; CALDAS; SOUZA JUNIOR, no prelo)⁷, e das ações sociais frente à crise sanitária (TOLEDO; SOUZA JUNIOR, 2020).

Além da tentativa de mapear como é demarcado o papel de gênero em uma torcida organizada, as análises são guiadas também a partir do questionamento específico ao contexto gavião: uma torcida organizada, politicamente mais ativa e contestatória que as demais, é necessariamente uma torcida que também atende e respeita os debates de gênero? O objetivo aqui foi compreender e questionar possíveis desdobramentos existentes entre uma política progressista exaltada na torcida em contrapartida a um possível conservadorismo de gênero em suas formas de sociabilidade. São a partir desses e outros questionamentos que no próximo item pretendo debruçar algumas reflexões etnográficas.

Relações de gênero nas arquibancadas, o caso das “Gaviãs” da Fiel

Joan Scott (1995), historiadora envolvida na temática de gênero, aponta que: “Na gramática, gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de distinções e não uma descrição objetiva de traços inerentes” (SCOTT, 1995, p. 72). Acrescenta, também, a historicidade do termo dentro das pesquisas em Ciências Sociais (SCOTT, 1995).

Desta forma, estudar relações de gênero, ou divisões por gênero dentro de um fenômeno social, é compreender que existem traços inerentes que distinguem como homens e mulheres promovem a sua vivência social, com o gênero se constituindo como uma categoria analítica fundamental na compreensão das relações sociais desiguais.

Tendo exposto, então, o porquê do recorte de gênero para este artigo, caminhamos para a presença das mulheres nas arquibancadas. Retomaremos essa história a partir dos significados que a linguagem carrega, pensando em como surgiu o verbo “torcer”.

⁷ Para saber mais sobre a onda de protestos, ver: Pires & Magri, 2020.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

Em 1906, o jornal *O Estado de São Paulo* começou a usar a palavra “torcedora”, substantivo feminino, em aspas, o que mostrava uma certa novidade neste termo. As torcedoras eram mulheres brancas da elite que iam ao estádio assistir aos jogos. Tais mulheres, por conta das altas temperaturas, mas também pelo nervosismo do jogo, tiravam as luvas e torciam em gesto de angústia. Desde então, a palavra ficou conhecida e foi designada para fazer referência às pessoas que estavam nas arquibancadas (FILHO, 2017).

Através dessa informação pontual já é possível perceber que a presença das mulheres nas arquibancadas não só era comum no início, como também se pode dizer que elas foram as primeiras “torcidas”. No entanto, com o passar do tempo, a origem deste termo foi sendo ocultada (e por que não roubada?) pela hegemonia masculina na narrativa do futebol.

Henrique Maximiano Coelho Netto, escritor, contou em uma crônica intitulada *As meninas da arquibancada do Fluminense*, no início do século 20, um pouco da história do termo “torcedoras” (FILHO, 2017).

Pois foi esse importante personagem [Coelho Netto] o responsável pela criação do termo 'torcida', que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Netto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de 'torcedoras'. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística. Em seguida, ganhou similar masculino (FILHO, 2017).

Apesar de o termo ter surgido em referência às mulheres que estavam nas arquibancadas, isso não significou que a arquibancada viesse a ser um lugar comum ou receptivo a elas. Os desafios que significam torcer, para as mulheres, foram se complexificando com o passar do tempo, dentro e fora de campo. Um exemplo disto pode ser visto na proibição que o futebol feminino sofreu em sua história, durante a década de 1940, tendo como uma das justificativas a visão de que as mulheres deveriam permanecer apenas do lado de fora do campo.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

De modo geral, não houve sensibilidade para compreender a entrada das mulheres em campo como uma decorrência da popularização do futebol entre nós. Todas as reações a esse movimento, como se viu, foram no sentido de colocá-las 'no seu devido lugar', banindo-as de dentro das quatro linhas, espaço próprio ao homem. Para elas, futebol só da arquibancada, e ainda assim em lugares reservados, como se fossem guetos na torcida. Neste caso, sua presença nos estádios não só era saudada como estimulada pela imprensa. A relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que neste seu papel não era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens 'construírem a nação' (FRANZINI, 2005, p. 324-325).

Mesmo que a presença das mulheres na arquibancada sempre tenha existido no futebol, a mídia (também amplamente masculina) desde o início se apropriou para sexualizar a mulher neste contexto, associando as mulheres da arquibancada à beleza e à elegância. Mesmo com esta visão sexualizada do corpo feminino, ir aos estádios foi de suma importância para as mulheres vivenciarem relações sociais para além do ambiente doméstico.

Desde o início do século XX, mesmo que a prática esportiva não lhe fosse recomendada, assistir às disputas de remo, às corridas de cavalo e aos jogos de futebol possibilitava à mulher experimentar o mundo para além dos domínios da casa. O futebol, assim como outras modalidades esportivas, proporcionou à mulher uma das raras oportunidades de exposição e entrada nos espaços públicos. Mas se o futebol foi útil para a mulher, o público feminino também foi muito importante para o estabelecimento desse esporte em terras brasileiras (COSTA, 2007, p. 7).

Nos dias atuais, os meios de comunicação, em sua maioria, seguem comentando sobre a presença das mulheres nas arquibancadas pelo viés da sexualização, além de criar ou alimentar estereótipos como o de "Maria Chuteira", fazendo referência a mulheres que assistem futebol apenas por interesses sexuais em jogadores ou nos torcedores. Este estereótipo se faz presente também nas próprias arquibancadas e entre membros das torcidas organizadas. É praticamente um consenso entre as torcedoras com quem conversei durante a etnografia a irritabilidade delas em relação ao assédio nas arquibancadas durante os jogos ou até mesmo na própria quadra da torcida sob o pretexto das roupas "curtas" que elas estão vestindo (ANDRADE; SOUZA JUNIOR; TOLEDO, 2021).



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

É notório, então, que esse "roubo" inicial do termo "torcedoras" pelo lado masculinizante do futebol no Brasil foi ainda mais abrangente no decorrer da história do torcer. O que fez com que não fosse sequer pensado um determinado estilo "feminino" de torcer até hoje. A estética torcedora, sobretudo das torcidas organizadas, ficou exclusivamente vinculada aos homens e à narrativa masculina da prática.

A própria questão das vestimentas incide diretamente nos corpos femininos e conta com um julgamento tanto por parte dos homens quanto de algumas mulheres. Daniel Miller (2013), em seus estudos sobre a indumentária, aponta como a vestimenta não é algo superficial e está ligada a uma certa convenção social predominante em cada sociedade. No caso dos Gaviões da Fiel, as roupas curtas estão diretamente atreladas à sexualidade feminina e, por isso, não são adequadas para serem usadas em ambientes de sociabilidade torcedora.

Aqui é perceptível que até a noção de sociabilidade torcedora se forja a partir de uma noção masculina. O corpo feminino só tem espaço dentro desse espectro "torcedor" se for moldado a partir de premissas masculinas. Isso pode ser notado no próprio modelo de uniforme dos Gaviões da Fiel, as camisetas da torcida são extremamente masculinas e masculinizantes, contando apenas com modelos em tamanhos largos e longos. Isso faz com que algumas mulheres construam suas experiências de gênero a partir das experiências de masculinidades impostas pelos homens que compõem e organizam a torcida.

Muitas das interlocutoras não deixaram de citar o desconforto de usar roupas curtas tanto em eventos na quadra da torcida, quanto em jogos. A questão do assédio por parte dos homens, ou do julgamento por parte de algumas mulheres, e o processo de ficar à vontade para vestir uma roupa de verão em um dia de calor é um desafio a ser enfrentado por muitas das torcedoras e pode levar anos para que elas consigam ficar confortáveis com a escolha de suas vestimentas.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

[...] O assédio existe de forma muito grande dentro da torcida. Eu falo porque tem mais de 10 anos que eu frequento estádio e eu demorei 10 anos para conseguir entrar de shorts (Diário de campo 1).

As associadas comentam também que algumas mulheres só conseguem ser mais respeitadas quando frequentam os jogos e os eventos da sede acompanhadas de maridos/namorados, com as solteiras incluindo em seus relatos que é muito comum a ideia de que elas só estão ali para arrumar namorado e não porque são tão apaixonadas pelo clube e pela torcida quantos os homens são.

Algumas dessas considerações elucidam como a participação feminina nas torcidas organizadas, atualmente, ainda enfrenta dificuldades, pois ainda que exista um crescimento considerável no número de torcedoras presentes nas arquibancadas, as torcidas organizadas ainda são majoritariamente controladas e geridas por homens. E, neste momento, já cabe retomar a questão citada no tópico acima, da hierarquia interna que demarca ainda mais a desigualdade de gênero dentro das torcidas organizadas, especialmente nos Gaviões da Fiel.

Um exemplo disso está no fato de que logo nas primeiras conversas em campo, aparece-me o dado de que a sala de bandeiras e patrimônios não pode ser frequentada por mulheres. Além das torcedoras serem impedidas de tremular bandeiras em jogos ou em eventos na própria sede, elas também são impedidas de entrar no espaço onde ficam estes materiais. Dentro da dinâmica ritualística das torcidas organizadas, os patrimônios, que são representados pelas bandeiras, “bandeirões” e faixas, costumam ser o bem mais precioso da torcida. É esse patrimônio que, por exemplo, em uma briga entre torcidas, deve ser o primeiro a ser zelado.

Ah, constante né essa sensação de não poder... Igual, na salinha onde ficam as bandeiras... mulher é proibido de ir, os caras falam que não pode entrar. Os caras falam que não pode nem entrar, só que eu já entrei lá, risos... Quando meu pai foi lá fazer alguma coisa eu pedi pra ir junto e entrei, risos (Diário de campo 2).

Apesar do Corinthians ser um clube que já contou com uma mulher em sua presidência (SFAKIANAKIS, 2017), os Gaviões da Fiel nunca contaram com nenhuma



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

presidenta, ainda que as mulheres correspondam a cerca de 40% dos sócios dos Gaviões (DAGA, 2017), que conta hoje com mais de 115 mil afiliados.

Com isso, as torcedoras geralmente ocupam cargos ligados ao departamento social ou de comunicação⁸, nunca pertencendo a departamentos que exigem mais confiança, como o departamento financeiro ou a própria diretoria. Isso é algo que gera certo incômodo em algumas delas, segundo relatos nas entrevistas, pois reforça a ideia de que a mulher só serve para organizar eventos festivos e preparar comidas.

Tipo, financeiro, não tem conselheira mulher. A última eleição que teve a dois anos atrás, só tem homem. Eu escolhi 7 homens, risos. E não pode. Tem um estatuto né... Eu queria ir atrás disso para ver se tem alguma coisa oficial relacionada a esse impedimento. Não sei se é algo oficial mesmo, ou se fica subentendido que não pode [...] (Entrevista 3, realizada em 23/05/2020).

Com relação ao estatuto da torcida, ele é de livre acesso e pode ser consultado através do site da entidade (GAVIÕES DA FIEL, 1969), e é curioso notar que nenhum impedimento citado até agora consta neste estatuto. As proibições se perpetuam através do “boca a boca” e fazem parte do imaginário dos torcedores de forma consolidada, sem que seja necessário estar escrito formalmente em algum lugar. As palavras “proibição”, “impedimento”, “feminino” ou “mulher” sequer são mencionadas no documento do estatuto que conta com sete capítulos.

Outro assunto que se faz completamente presente no que diz respeito a desigualdade de gênero dentro de uma torcida organizada são as caravanas. É sabido que na sociabilidade das torcidas organizadas existem caravanas para jogos em outras cidades e estados, que são conhecidas como “caravanas de guerra”, por irem de encontro a uma outra torcida rival. Com a justificativa de “proteção à violência” devido à “fragilidade” das mulheres, em muitas dessas caravanas elas são impedidas de comparecer.

⁸ O principal espaço decisório da entidade é seu conselho deliberativo, sendo ele parte composto por membros vitalícios e outra parte por conselheiros eleitos pelos membros da torcida, com mandatos tri anuais. Na atual gestão, todos os 20 conselheiros eleitos são homens.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

Com todas as buscas e pesquisas que tenho feito sobre a temática, percebo que a questão de proibição em algumas caravanas de fato transcende os Gaviões da Fiel. Porém, se tratando especificamente dos Gaviões, algumas das interlocutoras dizem respeitar, outras acabam fazendo a viagem por fora das caravanas e ficando na arquibancada próximas à organizada, mas não junto a eles. Existem relatos também de torcedora que driblou este impedimento e acabou indo a uma caravana proibida, arcando com as discussões posteriores que a burlagem dessa regra acarretou.

Outra questão importante a ser mencionada é que a rivalidade entre as mulheres define a tônica de algumas relações entre as associadas, fazendo com que um dos questionamentos principais de algumas torcedoras seja como combater o machismo entre as próprias mulheres.

Não tem nenhum acolhimento [entre as mulheres], pelo contrário, tem muito olho torto. Risos. É muito difícil, porque as pessoas não buscam falar com você [...] não tem uma busca por uma interação, inclusive quando você entra por exemplo numa escolinha lá dentro, é uma possibilidade de interação, mas não necessariamente, tem muita gente que já tem suas panelinhas que já se conhece, então é meio difícil mesmo, tem muita mina que é muito resistente (Entrevista 3, realizada em 23/05/2020).

Ou seja, não se trata mais só dos homens realizarem julgamentos ou proibições. Esse pensamento já está tão enraizado na estrutura da torcida em nome de uma “tradicionalidade” ou “ideologia” que boa parte das próprias torcedoras acreditam e seguem reproduzindo isso entre si. Como já citado em alguns momentos deste artigo, existem diversos tipos de mulheres associadas e cada uma terá seu modo de agir e pensar suas estratégias de existência dentro da torcida.

Entretanto, não se pode excluir o fato de que existe uma parte feminina dentro dos Gaviões da Fiel que também reproduz essa “ideologia dominante”, fazendo com que o machismo circule também entre as próprias mulheres. O que aqui proponho é que possivelmente isso se dê pela ausência de uma narrativa feminina sobre a torcida, restando, assim, a perpetuação da lógica masculina até mesmo entre as mulheres como uma forma de sobrevivência social.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

Considerações finais - uma nova narrativa possível

Na tentativa de entender e contextualizar um momento específico em que essas proibições citadas passaram a existir, indaguei às torcedoras: “sempre foi assim?”. Algumas delas contam que também se questionam sobre isso, e recorrem a história oral da própria torcida e aos jornais, documentos e principalmente fotos mais antigas, na tentativa de entender em qual lugar esteve a mulher “Gaviã” ao longo desses mais de 50 anos de existência.

A teoria de uma delas é que no início, logo após a fundação da torcida, as coisas não eram bem assim. Os fundamentos libertários dos fundadores da torcida, defendidos por Flávio La Selva, dava às mulheres um lugar de muito mais destaque, existindo até fotos onde as mulheres tremulavam bandeira e tocavam instrumentos mais importantes da bateria, por exemplo. Muitas delas notam que, a partir dos anos 1990, o discurso sexista foi ganhando mais força em nome de uma “tradicionalidade” (palavra que os próprios homens costumam usar para justificar as ações e impedimento para as mulheres).

Esse debate temporal da década de 1990 relacionado a um possível crescimento dos impedimentos de gênero dentro da torcida merece um pequeno parêntese. Se olharmos para o contexto das arquibancadas no geral, esta década foi marcada não apenas por um *boom* de crescimento das torcidas organizadas, que é representado pelo fato de que em 1992 os Gaviões da Fiel confeccionaram a carteira de número 20 mil, se tornando a maior torcida organizada do Estado, mas também pelo início da criminalização das torcidas organizadas, o que ocorre até os dias atuais. Grandes acontecimentos, como a Batalha Campal do Pacaembu⁹, criaram um discurso exacerbado

⁹ Confronto ocorrido em 20 de agosto de 1995 no Estádio Municipal do Pacaembu entre torcedores do Palmeiras e São Paulo após vitória do Palmeiras na *Supercopa de Juniores* que deixou 102 pessoas feridas e 1 morta (PAES, 2020).



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

sobre a violência vinda das arquibancadas, especialmente no contexto das torcidas organizadas¹⁰.

O debate que liga violência e torcidas organizadas é extremamente longo e complexo e não foi o foco deste artigo¹¹, porém, através desta questão, se pode pensar que esse discurso foi amplamente utilizado também pelas torcidas organizadas, mudando a forma com que as mulheres poderiam participar desses espaços até hoje. Tal pensamento era tão bem estabelecido no ambiente futebolístico que, em meados da década de 1990, segundo Pisani & Soares (2011), os times passaram a oferecer descontos nos ingressos e nas mensalidades das sócias, para incentivar a presença de mulheres e crianças na crença de diminuição da violência nas arquibancadas.

Pensando no contexto atual e na presença feminina nas arquibancadas, nota-se que o número de mulheres nas torcidas brasileiras aumenta a cada ano. A última pesquisa do IBOPE sobre este tema, feita recentemente, aponta que cerca de 53% da torcida corinthiana é feminina (LANCE!, 2020).

De acordo com a mesma pesquisa do *Lance!* (2020), o número de torcedoras do Corinthians representou uma alta de 19% em comparação com os outros clubes e é também a maior participação de mulheres entre os 20 times da Série A, com um total de 13,7 milhões. Esse dado é curioso e pode até parecer contraditório depois de expor a relação que a maior torcida organizada do clube tem com as mulheres.

Com certeza seria necessário mais páginas e pesquisa etnográfica para tirar conclusões mais precisas sobre o quanto esses números de fato representam o interior da torcida organizada em questão, mas esse dado pode ser pensado como resultado de algumas ações de *marketing* de combate ao machismo que estão sendo tomadas pelos

¹⁰ É nesta época também, mais precisamente em 1997, que a Gaviões inicia um amplo processo de disputa com o Ministério Público de São Paulo pelo direito de a entidade seguir existindo. Pois, neste ano, o Ministério Público entra com o pedido de proibição da Gaviões da Fiel, decisão considerada injusta e feita em articulação com o ex-presidente da Federação Paulista de Futebol, Eduardo José Farah (GAVIÕES, 1997).

¹¹ Sobre violência torcedora, consultar: Toledo (1997); Pimenta (1997); Teixeira (2003) e Reis & Hollanda (2014).



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

clubes de futebol, entre eles o Corinthians. Exemplos podem ser vistos na ação chamada de #TemSaída (CARTA, 2019)¹² e outra em que os times de futebol masculino e feminino do clube utilizam, esporadicamente, em seus uniformes, o *slogan* “Respeita as Mina” (SANTOS, 2018).

Olhando para além do Corinthians, destaca-se também uma ação recente do Esporte Clube Bahia. Sob a campanha que usa a *hashtag* #MeDeixaTorcer (GLOBO ESPORTE, 2019), o clube incentiva que as torcedoras denunciem qualquer caso de assédio que tenham sofrido dentro dos estádios. Além disso, oferece informações sobre a Ronda Maria da Penha, orientações para quem se sentir assediada e estatísticas sobre o tema. Na página, ainda é possível que mulheres que foram assediadas deixem seus relatos.

Ainda no âmbito das torcidas organizadas de outros clubes, é possível reconhecer exemplos positivos em relação ao debate de gênero dentro destas agremiações, como é o caso das torcedoras da BAMOR, que criaram o “Bonde Feminino BAMOR”, para reunir as mulheres associadas da torcida organizada vinculada ao Esporte Clube Bahia. Segundo Moraes (2017), o Bonde Feminino da Bamor foi fundado oficialmente no dia 12 de dezembro de 2005, por cinco torcedoras que entenderam a necessidade de ter um espaço específico para as mulheres dentro da torcida organizada. Entre as justificativas mencionadas a respeito da criação do espaço, destaca-se a necessidade de reivindicar materiais, fardamentos e bandeiras específicas para elas.

Em que pese todas as discussões expostas neste artigo de maneira breve, pode-se considerar algumas questões. A primeira delas é que o propósito aqui não foi homogeneizar ou essencializar a categoria “mulher torcedora”, dando a elas um lugar universal dentro das torcidas organizadas. É impossível resumir o que pensa cada mulher dentro dos Gaviões da Fiel, assim como os homens da torcida também não

¹² Carta assinada por Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Prefeitura de São Paulo, Ministério Público, Tribunal de Justiça, OAB-SP e ONU-Mulheres incentivando o combate à violência de gênero.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

pensam e agem de forma generalizada. O que busquei, então, foi uma perspectiva comum, uma narrativa feminina sobre a torcida.

O objetivo aqui não foi de individualizar os mecanismos de reprodução dos machismos dentro da torcida, mas sim de demonstrar como eles operam numa lógica estrutural e hegemônica. Nesse sentido, sua reprodução se atualiza constantemente a partir desta estrutura estabelecida ao longo dos anos, fazendo com que tanto homens quanto mulheres, em alguns momentos, reproduzam essa lógica desigual dos gêneros.

A segunda questão é que, de forma mais ou menos transgressora e marginal, nota-se que as mulheres sempre estiveram presentes no futebol e nas arquibancadas, mesmo que a narrativa oficial e masculinizante do torcer e das torcidas organizadas queiram ocultar esse fato. Walter Benjamin (2012) afirma que a história sempre é contada do ponto de vista dos vencedores e nunca dos vencidos. O que tentei apontar aqui neste artigo é que a narrativa dos Gaviões segue esta mesma lógica. E, no caso em tela, as vencidas foram as torcedoras que, mesmo sendo construtoras da torcida (e do torcer) desde o início, tiveram suas histórias delegadas ao esquecimento das margens da memória nativa e das notas de rodapés das pesquisas¹³. Afinal, esse lugar de *fazer a história* (BENJAMIN, 2012) sempre foi ocupado majoritariamente por homens.

Entre submissões e insubmissões, as torcedoras organizadas há algum tempo pensam estratégias para criarem formas de resistência dentro e fora das arquibancadas. Essas mulheres que torcem, que jogam, que são comentaristas do esporte, se colocam cada vez mais como uma resistência ao totalizante “futebol brasileiro”, produto de uma identidade que é cada vez mais normativa, heterossexual e masculina e, com isso, ampliam um espaço cada vez maior para os “futebóis” (TOLEDO; CAMARGO, 2019), mais arejado, acolhedor e plural.

Um exemplo disso é o que propus aqui, a partir das observações etnográficas junto às mulheres, que é a noção de Gaviãs da Fiel. Ou seja, uma narrativa mesmo que

¹³ E como aponta Raewyn Connel (2003), vale destacar que a Ciência Ocidental se encontra sob um viés masculinizado, o que, ao que me parece é também o caso das pesquisas sobre torcidas organizadas no Brasil.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

por enquanto amplamente acadêmica, na qual a perspectiva da maior torcida organizada do país não seja mais uma vez a dos homens, mas sim, finalmente, a das mulheres.

Abordar sua inserção na torcida e suas adversidades no dia a dia é, de certa forma, demonstrar que do lado de dentro das TO's batalhas internas estão sendo travadas constantemente pelas mulheres a fim de uma retomada do termo "torcedora" e, com ele, da legitimidade de poder existir e criar sua própria estética de torcer para além de sobreviver no ambiente feito por homens e para homens das torcidas organizadas brasileiras.

Referências

ANDRADE, Marianna; CALDAS, Phelipe; SOUZA JUNIOR, Roberto. Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências. **Revista Fúlia - UFMG**, 2022.

ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto; TOLEDO, Luiz Henrique. Pertencimento clubístico e pertencimento torcedor: materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol. **Revista Esporte e Sociedade**, n. 34, 2021.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-252.

CANALE, Vitor dos Santos. **Um movimento em muitas cores: o circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988: Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)**. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais), Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas - FGV, 2020.

CARTA aberta aos torcedores e torcedoras - #TemSaída. [Corinthians](#), 17 jan. 2019.

COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e sociedade**, n. 4, p.1-31, 2007.

CONNELL, Raewyn. A Ciência da Masculinidade. In: CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. Cidade do México: UNAM, 2003. p. 15-72.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

DAGA, Bianca. Elas já são 40% dos sócios da Gaviões da Fiel, mas ainda precisam lutar contra o veto de encostar em bandeira e tocar bateria. [ESPN](#), 9 out. 2017.

DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos; MENDES, Barbara. Gonçalves. Torceres: Pensando Diferentes Possibilidades de Pertencimento Clubístico. **LICERE** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 24, n. 1, p. 477-509, 2021.

FILHO, Paulo César. Sobre a origem da palavra torcedor. [Jornalheiros](#), 14 ago. 2017.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.** v. 25, n. 50, 2005.

GAVIÕES culpa Farah por pedido de extinção. [Folha online](#), 17 nov. 1997.

GAVIÕES DA FIEL. [Estatuto da Gaviões da Fiel](#). São Paulo, 1969.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, 2010.

GLOBO ESPORTE. Após caso de assédio na Arena Fonte Nova, Bahia cria site e incentiva mulheres a denunciar. [Globo Esporte](#), 24 maio 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de *et al.* **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; CANALE, Vitor dos Santos. Cronologia das torcidas organizadas de futebol (XI): Torcida Jovem da Ponte Preta. [Ludopédio](#), 29 jul. 2018.

HOLLANDA, Bernardo B.; NEGREIROS, Plínio L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel Ensaios e Etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2015.

LANCE!. Maioria da torcida corintiana é feminina, aponta pesquisa. [Lance!](#), 02 ago. 2020.

MAGNANI, José Guilherme. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 12, p. 11-29, 2002.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

MATTOSO, Camila. Corintianos protestam contra “ladrão de merendas” e pedem contas do estádio. [Folha de São Paulo](#), 16 mar. 2016.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: Estudos antropológicos sobre cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MORAES, Carolina. Tomando para mim o que era meu: o Esporte Clube Bahia e as experiências de suas torcedoras. In: KESSLER, Claudia S.; COSTA, Leda M.; MURAD, Mauricio. **A violência no futebol**. Novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. Rio de Janeiro: Benvirá, 2017.

PAES, Lucas. Há 25 anos, ocorria a pior ‘batalha campal’ do futebol paulista. [O curioso do futebol](#), 20 ago. 2020.

PIMENTA, Carlos A. M. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Violência e autoafirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal editora, 1997.

PIRES, Breiller; MAGRI, Diogo. Torcidas antifascistas assumem linha de frente da mobilização contra Bolsonaro e atraem oposição. [El País Brasil](#), 01 jun. 2020.

PISANI, Mariane da S.; SOARES, Carolina A. 100 anos de torcida: a presença feminina nas arquibancadas de futebol em Florianópolis ontem e hoje. In: III Seminário Nacional Sociologia e Política: Repensando desigualdades em novos contextos, 2011, Curitiba. **Anais [...]**, v. 13, 2011.

QUEM somos. [Gaviões da Fiel](#), 01 dez. 2018.

REIS, Heloisa Helena; HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de (Orgs.). **Hooliganismo e Copa do Mundo de 2014**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

SANTOS, Carolina. Jogadores do Corinthians entrarão em campo com a frase ‘respeita as mina’ na camisa. [Metro Jornal](#), 6 mar. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, 1995.

SFAKIANAKIS, Jean. Dia internacional da mulher: Relembre a única presidente que o Corinthians teve. [Torcedores.com](#), 08 mar. 2017.

TEIXEIRA, Rosana da C. **Os perigos das paixões**: visitando torcidas jovens cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.



As torcedoras e o torcer: notas etnográficas sobre as mulheres nas torcidas organizadas

Marianna Castellano Barcelos de Andrade

TESI, Romulo. 'Nós nascemos para combater um ditador', diz fundador da Gaviões da Fiel. [Setor 1 - Uol](#), 23 jun. 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Short cuts: histórias de jovens, futebol e condutas de risco. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 5, p. 209-221, 1997.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados de torcer. In: DA COSTA, Márcia R. (Org). **Futebol espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999.

TOLEDO, Luiz Henrique de; CAMARGO, Wagner Xavier. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLIA/UFMG**, v. 3, n. 3, Minas Gerais, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique de; SOUZA JUNIOR, Roberto. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19. **Ponto Urbe [Online]**, 26, 2020.

TORCIDA, Grêmio Gaviões da Fiel. **Nota oficial: protesto realizado no jogo Corinthians x Capivariano**. [Facebook: @gavioesoficial](#), São Paulo, 12 fev. 2016.

TORCIDA, Grêmio Gaviões da Fiel. **Nota oficial: posições dos gaviões da fiel sobre candidato antidemocrático**. [Facebook: @gavioesoficial](#), São Paulo, 20 set. 2018.